AS SOLUÇÕES DO ESCLARECIMENTO KANTIANO SÃO FACTÍVEIS PARA AS QUESTÕES ATUAIS?

Wellington Cosme Dias Salviete[1]

Vicente de Paulo Colodeti[2]

RESUMO

Por meio de pesquisa bibliográfica, o presente trabalho objetivou realizar um levantamento filosófico crítico sobre o esclarecimento kantiano. Para realizar essa breve análise filosófica, serão explorados os paradigmas do Iluminismo como progresso otimista de autonomia que buscou centralizar todo poder na razão emancipada do homem. Contrapomos isso com o pessimismo dos primeiros filósofos da Escola de Frankfurt que enfraqueceram o esclarecimento ao denunciarem que a razão, ao buscar instrumentalizar a natureza a serviço do homem, acabou instrumentalizando-se a si mesmo, convertendo-se assim em instrumento de dominação. Assim, procuramos pensar no conceito esclarecimento alicerçados na reflexão de teóricos contemporâneos a partir de algumas proposições críticas construtivas, dessa maneira, veremos a necessidade de reacender esse período das luzes. Concluiu-se que o diálogo é o alicerce para o homem buscar com equilíbrio a liberdade individual e coletiva e assim viver de forma emancipada.

Palavras-chave: Esclarecimento. Autonomia. Razão. Diálogo. Emancipação.

ABSTRACT

By means of bibliographical research, this paper aimed to conduct a critical philosophical survey of the Kantian enlightenment. To perform this brief philosophical analysis, we will explore the paradigms of the Enlightenment as an optimistic progress of autonomy that sought to centralize all power in man's emancipated reason. We contrast this with the pessimism of the first Frankfurt School philosophers who weakened the Enlightenment by denouncing that reason, by seeking to instrumentalize nature at the service of man, ended up instrumentalizing itself, thus becoming an instrument of domination. Thus, we tried to think about the concept of enlightenment, based on the reflections of contemporary theoreticians based on some constructive critical propositions, thus seeing the need to rekindle this period of enlightenment. We concluded that dialogue is the foundation for man to seek individual and collective freedom with balance and thus live in a emancipated way.

[1]Graduando do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano. E-mail: wellingtonsalviete@hotmail.com

[2]Graduado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor do UniSales e pesquisador do Centro de Política Comparada do Departamento de Ciências Sociais da UFES. E-mail: vcolodeti@ucv.edu.br

Keywords: Clarification. Autonomy. Reason. Dialog. Emancipation.

1 INTRODUÇÃO

Com o surgimento da modernidade no século XVI, viu-se Deus e todo pensamento dogmático perder o seu espaço na sociedade e com isso alvorecer uma nova visão de mundo onde o sujeito passa ser o centro com todo conhecimento proveniente da razão, confrontando, assim, com a era medieval. Surge então um período em que o homem busca superar seus medos em relação à natureza e assim pensar por si só, passando pelo processo de autonomia, período este chamado de Iluminismo.

O movimento cultural veio contra o absolutismo, o autoritarismo, o poder das hierarquias e a menoridade, buscando uma maior igualdade entre as pessoas, uma emancipação do sujeito, e uma autonomia real no uso da razão pública entre homem e sociedade, tornando-os esclarecidos. Esse conceito central é apresentado pelo filósofo Kant (1985) em seu clássico texto “Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento (*Aufklärung*)?”. O Esclarecimento torna-se um dos aspectos centrais dessa teoria, sobre o qual os demais comentadores se basearão.

Segundo Minayo (2009, p. 16): precisa-se [...] “pensar a metodologia como articulação entre conteúdos, pensamentos e existência.” Dito isto, este trabalho objetiva, a partir de pesquisa bibliográfica, realizar uma breve análise das potencialidades e limitações do conceito esclarecimento em Kant (1985) a partir de algumas proposições críticas de Adorno e Horkheimer, Habermas e Todorov.

Assim sendo, ver-se-á no item que se segue, uma breve análise sobre o conceito de esclarecimento segundo Kant (1985) e o seu grande otimismo em acreditar que um homem racional que pensasse por si só agiria autonomamente e assim resolveria as prisões que antes sofria de Deus e da Igreja Medieval. Em seguida, tendo em vista algumas ideias dos pensadores frankfurtianos Adorno e Horkheimer, buscar-se-á problematizar a situação desse homem que não age por meio de uma maioridade racional, e assim utilizam-se de certo pessimismo sobre a racionalidade que culmina com a chamada “Crise da Razão”. Nesse momento será possível considerar como a razão emancipatória sonhada por Kant (1985) “fracassou” na visão dos primeiros frankfurtianos e deu lugar a uma razão instrumental, com o desenvolvimento do capitalismo monopolista, no qual a dimensão instrumental da razão prevalece como

ferramenta, resultando na dominação em uma sociedade com pensamentos e ações estáticos, regredindo assim a autonomia do homem moderno. Já em relação ao último item, tem-se um diálogo com Habermas (2003) e Todorov (2008), considerando suas respectivas sínteses filosóficas sobre o presente e quais caminhos tomar para reacender esse período das Luzes embasado em uma breve análise sobre a teoria do agir comunicativo. Conclui-se este artigo com as considerações finais.

2 ASCENSÃO DO ESCLARECIMENTO

Kant nasceu na cidade de Konigsberg, no dia 22 de abril de 1724, onde residiu, estudou e lecionou por quase toda sua vida, falecendo no dia 12 de fevereiro de 1804. Homem simples, de vida serena e laboriosa, filho de pai comerciante e mãe dona de casa, foi o quarto irmão mais velho de uma família de onze filhos. Sua mãe muito religiosa era ligada ao *pietismo* (movimento protestante que surgiu na igreja luterana alemã, no final do século XVII). Mesmo em uma família religiosa, o pensador preferiu estudar filosofia à teologia, tornando-se mais tarde professor na mesma universidade local em que estudou e lecionando as matérias de lógica e metafísica. Homem com grande habilidade intelectual que muito ajudou a compreender a modernidade e a conduzi-la em sua plena realização (PASCAL, 2001).

Immanuel Kant viveu no momento histórico que ficou conhecido como o “Século das Luzes”, ou seja, o período intitulado de Iluminismo. Esse movimento cultural-filosófico e intelectual realizado na Europa para centralizar o poder na razão e a busca pelo processo de esclarecimento, tempos depois se converteu no programa político da modernidade que tinha a intenção de reformar a sociedade e libertar da tradição medieval a qual, até então, tinha primazia e grande influência sobre a sociedade em geral. Esse movimento cultural-filosófico fez frente – entre tantas outras coisas – ao absolutismo, ao autoritarismo, ao poder das hierarquias e à menoridade, buscando uma maior igualdade entre as pessoas, uma emancipação do sujeito e uma autonomia real no uso da razão entre homem e sociedade, tornando-os esclarecidos.

Para além da biografia do referido autor, busque a partir de agora, submergir em suas ideias filosóficas propriamente ditas. Nesse sentido, a reflexão Kantiana (1985) parte do intuito de que os homens de sua época agiam de forma inautêntica, ou seja, de maneira heterônoma, sendo influenciados por pensamentos de outros, como líderes

religiosos ou da realeza e não podendo questionar ou fazer uso de uma criticidade, resquícios de um momento de tutela em que acabara de sair, que era a Idade Média. Sendo assim, para Kant (1985), o objetivo do esclarecimento deveria ser acabar com o medo dos homens e torná-los senhores de si mesmos, deixando de lado o mundo da magia e dos mitos apoiando-se na ciência.

Dessa forma o progresso, a libertação do autoritarismo da realeza e das tradições do clero, levariam o povo a um momento novo – de esclarecimento – aqueles que saíssem do conforto e comodidade para assim usar de forma livre o seu próprio entendimento. Excluindo-se, assim, Deus, e as tradições e confiando tudo na razão.

> O esclarecimento acontece progressivamente, mediante o uso do entendimento. Dito de outro modo, o ser humano está em constante busca de esclarecimento, porque ele tem inclinações que não o deixam sair do estado de menoridade de uma vez por todas, sem correr o risco de queda na menoridade. Por meio da razão, o ser humano tem a possibilidade de superar os enlaces e as amarras da menoridade e, de maneira progressiva, emancipar-se, atingir o estado de maioridade [...] (NODARI, 2011, p. 140).

Logo, emancipar-se é viver de forma autônoma buscando sempre desenvolver uma consciência crítica. Ou seja, o conceito de esclarecimento, por sua vez, nada mais é que uma construção do sujeito como senhor de si mesmo, saindo de um estado heterônomo e avançando para autonomia.

Entretanto, o conceito central de esclarecimento é apresentado por Kant (1985), em seu clássico opúsculo “Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento (*Aufklärung*)?”, composto pelo filósofo alemão em 1783, seis anos antes da Revolução Francesa, que propagava os princípios da igualdade, da liberdade e da fraternidade. Esse texto foi estruturado em torno de três perguntas, a saber: a primeira, introdutória e conceitual, diz respeito à definição de Esclarecimento, considerando a liberdade e a racionalidade o eixo; a segunda questão diz respeito à qual liberdade poderia impedir o progresso das Luzes e qual poderia ser-lhe favorável, sendo assim uso de razão da forma privada e pública; por fim, Kant questiona como é o momento em que ele vivia, esclarecido ou não. Importante notar que o vocábulo “*aufklärung*” pode ser traduzido livremente como “Esclarecimento”, “Ilustração”, “emancipação”, “Idade das Luzes”, entre outras, mas no contexto filosófico kantiano esclarecimento é a tradução que mais se assemelha ao original por se tratar de um processo a ser construído.

“O conhecimento da natureza se emancipa do mito, e o conhecimento da sociedade deve, também, fundamentar-se na razão. A razão esclarecida é uma razão

emancipada” (MATOS, 1993, p. 33). Sendo assim, o homem pode evoluir racionalmente, saindo de um estado de menoridade intelectual e avançar para uma realidade onde ousa saber mais: *Sapere Aude*. A razão toma o centro absoluto de tudo, tornando-se caminho e resposta. A cultura das Luzes acreditava em um progresso otimista do homem, que ao se desvencilhar da menoridade alcançaria uma autonomia.

2.1 HETERONOMIA OU AUTONOMIA?

Heteronomia é um conceito criado por Kant em 1785 no seu livro “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” que equivale à servidão do indivíduo à vontade de terceiros. Sendo assim, isso é o oposto à autonomia, ou seja, o momento em que o sujeito encontra liberdade para pensar e gerir sua vida.

> Termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão. Kant contrapõe a autonomia à heteronomia, em que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejar (ABBAGNANO, 2007, p. 111).

No primeiro termo podemos observar que um sujeito heterônomo não possui liberdade de escolhas, e tem medo de sair dessa posição, às vezes se adaptando a ela. De acordo com Kant (1985), “[...] a preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha, continuem, no entanto, de bom grado, menores durante toda a vida” (KANT, 1985, p. 100). Por isso, entendemos que o ser heterônomo se afasta da autonomia justamente por precisar de algo para determinar sua vontade, isto é, “[...] uma vontade autônoma concede a si a sua própria lei e é distinguida de uma vontade heterônoma cuja lei já é dada pelo objeto” (CAYGILL, 2000, p. 43).

Kant (1985) acredita no sujeito, mas percebe que o homem busca a comodidade em se sentir menor, em ter alguém que pense por ele, como um tutor, um religioso, um professor de academia ou um líder político, distanciando-se da liberdade de conquistar uma consciência crítica que eleve seu próprio entendimento e permanecendo menor intelectualmente.

> A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a sua causa não estiver na ausência de entendimento, mas na ausência de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem.

> *Sapere aude*! Tem a ousadia de fazer uso de teu próprio entendimento (KANT, 2003, p. 115).

Segundo Kant (1985), a autonomia torna o homem um ser racional e sociável, mas ele afirma que para alcançar esse *status* é preciso passar por um processo de esclarecimento, o qual muitas vezes torna-se difícil por ser cômodo o lugar de tutelado. Se, por exemplo, "[...] tenho um livro que faz às vezes meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo [...]" (KANT, 1985, p. 100). O sujeito chega até mesmo a criar gosto nesse lugar de dependência. Para ser autônomo o ser humano precisa buscar esse processo de esclarecimento, porque ele tem limitações que não o deixam usar de forma plena a razão e assim sair da menoridade de uma só vez. Por isso, "[...] se for feita então a pergunta: vivemos em uma época esclarecida? a resposta será: não, vivemos em uma época de esclarecimento [*Aufklãrung*]." (KANT, 1985, p. 112). Algo a se pensar, apenas, que essa plena autonomia sempre a ser buscada provavelmente nunca será alcançada, visto a própria divisão de tarefas que compartimenta o nosso saber, e, no final das contas, nossa razão diante dos fatos da vida.

O conceito de autonomia e liberdade para Immanuel Kant (1985) estão na mesma direção, na qual, ele associa a autonomia como sendo característica intrínseca da liberdade. Percebe-se que o pensador deseja que todo o homem alcance a autonomia da vontade quando ele compreende que o homem pode até adiar o esclarecimento, "[...] mas renunciar a ele, quer para si mesmo quer ainda mais para sua descendência é calcar aos pés os sagrados direitos da humanidade." (KANT, 1985, p. 110) Ou seja, ele defende a busca pela autonomia como sendo um dever do ser humano, pois um homem que não pensa torna-se irracional. Desse modo, o homem autônomo com capacidade de pensar, refletir e emitir opiniões precisa entender dois âmbitos para direcionar seus pensamentos.

2.2 USO PÚBLICO E PRIVADO DA RAZÃO

Para o pensador de Konigsberg, a razão é o que marca o homem como indivíduo distinto dos demais seres viventes, capaz de ajuizar e dirigir suas ações de acordo com seu entendimento. Kant (1985) ao falar dos termos da razão privada e pública diz:

> O uso público de sua razão deve sempre ser livre e só ele pode realizar o esclarecimento entre os homens. O uso privado da razão pode porém muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento. Mas por uso público da própria razão entendo aquele que qualquer um, enquanto letrado (Gelehrter), dela faz perante o grande público do mundo letrado. Chamo uso privado àquele que alguém pode fazer da sua razão num certo cargo público ou função a ele confiado (KANT, 1985, p. 104).

Dito isso, Kant (1985) ao falar sobre o uso privado da razão deixa bem claro que um funcionário que está debaixo de regras pode expressar seus pensamentos não deixando de cumprir com seus deveres, ou quando um cidadão que tem como obrigação pagar seus impostos, ele não deve deixar de pagar, mas pode ter uma liberdade de questionar e usar de sua consciência crítica contra injustiças, limitando assim o progresso do esclarecimento. Todavia, o uso público da razão é quando um grande líder, político, estudioso ou religioso tem a oportunidade de ousar pensar e assim atingir a muitos com a sua reflexão, como por exemplo, quando o clérigo, pastor de uma igreja, faz o sermão ao seu povo cumprindo à risca a doutrina, mas sem deixar de se posicionar frente às incongruências desta instituição.

Neste caminho percorrido até agora, nota-se que o esclarecimento *(Aufklãrung)* narrado por Kant (1985) em seu opúsculo “Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento?” É notoriamente uma busca pela liberdade do homem numa razão emancipatória, em relação à preguiça e comodidade em que o homem se encontrava de não pensar por si só, é possível também observar no texto um otimismo utopístico da parte de Kant (1985). Assim, o pensador parece depositar esperança na via da razão e na busca dos sujeitos por uma vida racional. Querendo conquistar um espaço iluminado, tal processo se dá pelo momento em que vivia, saindo do estado deplorável de submissão na era das trevas medievais. Pois “[...] o iluminismo julga a razão capaz de eliminar todas as causas de infelicidade e de miséria em qualquer setor [...]” (MONDIN, 1981 p. 155).

Nessa lógica, Kant (1985) acreditava que quando não há liberdade, o homem permanece em estado de menoridade por não pensar por si só. O sacerdote por exemplo, tem completa liberdade para fazer uso de sua razão pública, e até mesmo o dever de dar conhecimento ao público de todas as suas ideias cuidadosamente examinadas e bem-intencionadas sobre o que há de errado naquele credo e expor suas propostas no sentido de ajudar a instituição, porém em debates que propriamente não são teológicos, deve ser capaz de ouvir outras ideias. Por isso, ele

apresentou com conceitos claros os riscos de permanecer na menoridade e quais os caminhos para crescer nesse processo de autonomia e buscar a passagem para a maioridade.

> É um espetáculo grandioso e belo ver o homem sair, por seu próprio esforço, a bem dizer do nada; dissipar, por meio das luzes de sua razão, as trevas nas quais o envolveu a natureza; elevar-se acima de si mesmo; lançar-se, pelo espírito, às regiões celestes; percorrer com passos de gigante, como o sol, a vasta extensão do universo; e, o que é ainda maior e mais difícil, penetrar em si mesmo para estudar o homem e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim (ROUSSEAU, 1983, p. 333-334).

Diante do exposto neste item observa-se que no século XVIII, período iluminista, o conceito de razão emancipatória Kantiano veio como eixo central para entender o homem e a sociedade. Desse modo, o sujeito racional manifesta sua racionalidade de duas formas: público ou privado. O primeiro equivale a ser livre para expressar opiniões enquanto membro da sociedade, já o segundo, tem a aplicação da razão de acordo com a função do indivíduo na sociedade.

Dito isso, vejamos, no item que se segue, algumas questões críticas relevantes ao conceito de esclarecimento do homem e da sociedade.

3 O ENFRAQUECIMENTO DO ESCLARECIMENTO

Viu-se que Kant (1985) apresentou a necessidade do “Iluminismo” para que a humanidade pudesse ter a razão como base de conhecimento, tornar o homem livre das crenças e, ainda, vale destacar que a “[...] razão iluminista prometeu conhecimento da natureza através da ciência, aperfeiçoamento moral e emancipação política” (MATOS, 1993, p. 33).

> O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantém como seu objeto uma relação tanto ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens nos seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. [...] Inicialmente a razão tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias [...] (FREITAG, 1990, p. 35).

Com o avanço do conhecimento científico em relação ao saber metafísico, o esclarecimento que surgiu para libertar passa então a oprimir. “A civilização estava em perigo, trazida por sua própria genialidade” (TARNAS, 2008, p. 390). Assim sendo,

a soberania atribuída a razão intelectual que iluminava no passado o agir do homem, em favor de reduzir os riscos e os sofrimentos da vida humana, passou a apresentar para sua sobrevivência, suas mais sérias ameaças. Desse modo, pensadores renomados da Escola de Frankfurt[3] desfizeram a barreira do otimismo que Kant (1985) apresentou e traçaram uma linha crítica/cética sobre as relações entre o conhecimento, a ciência e a evolução da sociedade. Distinguem assim que a razão se transformou em mera técnica, mudando em razão instrumental, e logo, repressiva, em detrimento a liberdade emancipatória. Agora a razão não pergunta mais o sentido das causas primeiras e últimas, e sim como resolver os problemas atuais.

> A crença otimista de que os dilemas do mundo poderiam ser resolvidos por meio do simples avanço da ciência e pela engenharia social frustrara-se. Novamente o ocidente perdia sua fé, desta vez não na religião, mas na ciência e na razão humana autônoma (TARNAS, 2008, p. 291).

A Teoria Crítica, elaborada pela Escola de Frankfurt, a partir do ano de 1930, apresenta o processo de dominação capitalista, que se dá pela técnica e pela mercantilização de culturas, pressupondo o aprisionamento do homem e a dificuldade que este encontra para superar essa limitação. A razão tenta buscar sua liberdade na teoria e ao mesmo tempo apresenta seu lado instrumental que manipula o homem e o leva de volta à menoridade, agora não somente pela preguiça de pensar, mas pelo sistema criado.

É a partir dessa visão crítica que Adorno e Horkheimer (1985), membros da primeira geração de frankfurtianos, apresentam que a racionalidade se tornou instrumental e a ciência transformou-se em instrumento de dominação política, social e econômica, não respeitando a emancipação e a autonomia dos indivíduos como “prometido” por Kant (1985) para que se confiasse no processo de esclarecimento. É válido ressaltar que os pensadores estão fazendo essa análise logo após a Segunda Guerra Mundial. O questionamento, no entanto, é o seguinte: se o esclarecimento - e toda sua tentativa de universalizar o conhecimento - deveria levar a espécie humana para sua maioridade, então por que o nazi-fascismo cresceu de maneira tão forte em meados do século XX? Por que as massas populares apoiavam Hitler e Mussolini? Assim, os

---

[3] A Escola de Frankfurt foi criada por um grupo de diferentes pensadores no departamento de pesquisa social da Universidade de Frankfurt, na Alemanha, em 1924, no período chamado "Entre Guerras" ao longo do fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, e o início da Segunda Guerra, em 1939. Dispunha como objetivo central estabelecer um novo parâmetro de análise social, usando da teoria crítica para desenvolver seus estudos e reflexões para a sociedade, na qual usamos até os dias atuais (MATOS, 1993).

Frankfurtianos constroem sua Teoria Crítica à compreensão moral do Iluminismo e estruturam seu olhar crítico frente à sociedade.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985) em seu livro “Dialética do Esclarecimento” as correntes ideológicas dominaram a política referindo-se à crise da democracia e à ascensão dos regimes totalitários[4] Na Europa, a corrida armamentista, o desenvolvimento da indústria bélica, além dos conflitos armados e das injustiças sociais gerados pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista. Todos esses problemas são interpretados como resultado de uma não factibilidade do esclarecimento kantiano. No início da referida obra, os autores afirmam:

> No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. **Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal**. O programa de esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17, grifo nosso).

Porém, o século das Luzes confiou todo o seu poder na razão, mas isso ao invés de avançar na construção do homem e no progresso da sociedade, regrediu ambos. Ao colocar a razão em pauta, Adorno e Horkheimer (1985) questionam se a razão cumpriu com a promessa de uma sociedade livre e autônoma e, assim, “[...] descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie [...]” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.11). Por isso, o aumento do esclarecimento de forma desequilibrada converte-se em um novo aprisionamento, não mais nos mitos, mas no totalitarismo do saber. Desse modo, a razão desenvolve-se de modo unilateral - privilegiando apenas a dimensão instrumental em detrimento da dimensão emancipadora, desvia-se de seu objetivo emancipatório original, desembocando em uma "calamidade triunfal": "[...] o controle totalitário da natureza e a dominação incondicional dos homens [...]" (FREITAG, 2004, p. 34-35). Entretanto, esse fenômeno pode se tornar perigoso pois "[...] o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por se converter em mitologia [...]" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 15).

---

[4] Os regimes totalitários apresentam um Estado centralizador, antidemocrático e autoritário. Essa forma de governar surgiu após a Primeira Guerra Mundial, em diversos países da Europa a partir da crise do capitalismo, com a ideia que para ser eficiente deveria ser forte.

Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que o esclarecimento tornou-se dogma, criticando o poder totalitário dado a este conceito da filosofia de Immanuel Kant, mostrando o quanto está entrelaçado com progresso e regressão, o que culmina em uma sociedade autoritária, manipulando uma razão que Horkheimer (1985) chama de instrumental, fazendo do esclarecimento – que deveria significar a liberdade –, uma espécie de defesa narcísica ante a angústia do homem frente ao desconhecido que era a modernidade.

3.1 DESENCANTAMENTO DO MUNDO MODERNO

O conceito de esclarecimento visou dissolver os mitos e derrubar a imaginação através do método científico. O alemão Max Weber consegue diferenciar ciência de política, referindo-se a ciência como racional, ocasionando assim o esclarecimento e conhecimento. Já a política tornando reflexão da ação do homem. Weber (1989), no fim do século XIX, definiu a Modernidade como o período de desencantamento do mundo. Embora esse desencantamento signifique, de maneira mais incisiva, a quebra do encantamento, o conceito também é empregado em sentido mais vasto para identificar as formas modernas de vida que são isentas de fundamento religioso ou força dogmática exterior. Isto é, o projeto de homem moderno autônomo e livre começa a regredir, pois tudo se torna muito burocrático. Por exemplo os afetos de um casal que agora precisam oficializar o relacionamento com documentos, vivemos agora em uma sociedade fria, sem magia e composta por regras rígidas, e isso gera o desencantamento.

> Tudo isso é consequência do que se chama de desencantamento do mundo. A humanidade partiu de um universo habitado pelo sagrado, pelo mágico, excepcional e chegou a um mundo racionalizado, material, manipulado pela técnica e pela ciência [...] (QUINTANEIRO, 2002, p. 123).

O ser humano a todo tempo busca explicar as coisas naturais ou não para livrar-se do medo do desconhecido, segundo Adorno e Horkheimer (1985), para se superar o medo, dois podem ser os caminhos: antigamente, as respostas eram encontradas através dos mitos que são frutos de uma natureza inanimada e formam seres animados pelos deuses e com isso encontravam explicações por exemplos para os trovões, raios, mortes e etc. Já o outro caminho para ter respostas foi o iluminismo que é o oposto, transforma o animado e inanimado. As respostas agora são apenas

encontradas pela razão e suas causas e efeitos, causando assim um desencantamento.

> [...] o mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem poder. **O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens.** Este conhece-os na medida que pode manipulá-los [...] (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21, grifo nosso).

Ademais, esta visão desencantada da razão consente aos frankfurtianos da primeira geração denunciarem que a razão ao buscar instrumentalizar a natureza a serviço do homem acabou instrumentalizando-se a si própria, convertendo-se assim em elemento de dominação e não de emancipação do ser humano. O capitalismo e seu princípio de dominação racionalizou o sistema de produção reduzindo os sujeitos - com razão - a simples produtos, até mesmo a mão de obra que virou mercadoria de troca. A grande consequência da racionalidade instrumental foi a perda da autonomia do indivíduo.

Ademais, a razão instrumental inclui-se, aparentemente, de forma neutra, mas com a intenção real de servir as ideologias, disfarçando a sua total incapacidade de produzir conhecimento desinteressado e a sua ânsia de dominação do outro. Adorno e Horkheimer (1985) detectaram uma civilização que chegou a uma dialética sem síntese. Nós vivemos uma eterna contradição entre produtividade e destruição, dominação e progresso, prazer e infelicidade. Não se alcançou, ainda, a síntese libertadora de uma sociedade esclarecida, autônoma e ousada como sonhava Kant.

Por fim, neste item se acompanha o processo de transformação da Razão em instrumento a serviço do capitalismo, assim instaurando um pessimismo dos frankfurtianos e dando forma a nossa antítese do trabalho, na qual vemos o homem perdendo sua liberdade que tanto almejava. O Iluminismo tinha a imagem do Sol que ilumina toda a razão, esse era o objetivo dessa corrente, mas, com a instrumentalização da sociedade e a dominação de um grupo sobre o outro gera o eclipse da razão, ou seja, o enfraquecimento da mesma. Com isso, para buscarmos uma síntese propomos analisarmos alguns fatos de nossa sociedade e apresentarmos um caminho para reacender esse período das luzes.

4 A CONJUNTURA ATUAL E O REACENDER DAS LUZES

Depois de passar pelo perecimento de Deus e colocar um poder absoluto nas mãos do homem, projetando a razão como eixo central, e, logo adiante, ver esse projeto passar por um enfraquecimento com os frankfurtianos, chegou o momento de sintetizar essas ideias e reacender as Luzes de acordo com a atualidade. Por isso, mesmo se desprendendo do domínio de forças exteriores dogmáticas - como na era medieval em que se afirmava que Deus controlava tudo - chegou-se à modernidade, ou seja, ao período do esclarecimento no qual a razão ainda é usada de maneira opressora, ressaltando a influência do positivismo para reforçar esse acontecimento. Contextualizando essa violência, um sociólogo do esclarecimento vem nos dizer:

> Mesmo a obediência pressupõe liberdade, pois não deixa de ser sempre uma escolha. Já a violência física anula a possibilidade de obediência, ela é sofrida passivamente. Por isso existe uma associação entre poder e relação social na qual seria possível que ambos agissem de outro modo [...] (LUHMANN, 1987 apud HAN, 2019, p. 23).

É possível exemplificar essa questão a partir do recente incidente envolvendo a Rússia e a Ucrânia. Assim, no dia 21 de fevereiro do corrente ano a BBC *News* Brasil em seu portal de notícias publicou a seguinte afirmação do presidente Russo, que durante seu discurso de quase uma hora na TV russa, afirmou que a Ucrânia moderna foi "criada" pela Rússia. Putin segue dizendo que "Para a Rússia, a Ucrânia não é apenas um país vizinho, mas parte da nossa história, dos nossos camaradas e parentes" (BBC *NEWS* BRASIL, 21/02/2022). E por isso tenta impedir a autonomia e independência da mesma. Ao longo da guerra, cidades foram tomadas brutalmente e assim ficaram parcialmente destruídas, pessoas ficaram isoladas, muitos militares perderam a vida e baseado nos dados da *Acled*[5], a BBC *News* identificou cerca de 3,6 mil mortes de civis até meados de junho. A ONU confirmou cerca de 4,7 mil mortes durante o conflito até o final de junho do corrente ano. Além da guerra na Ucrânia, atualmente ocorrem mais sete conflitos sangrentos ao redor do mundo, tudo em busca de mais poder, dinheiro e terras para dominar.

Por isso, o controle total de outros territórios geográficos tem crescido na atualidade, como citado acima. Isso fere a autonomia individual e coletiva de toda uma sociedade, pois viola todo o progresso e retorna ao autoritarismo. “O despertar do sujeito tem por

[5] Acled quer dizer Armed Conflict Location & Event Data Project em inglês, é uma organização não governamental especializada em apuração de dados, coletas de informações, análise e mapeamento de crises e conflitos sangrentos.

preço o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21)

Nesse contexto, vê-se a forma violenta e autoritária de uma nação que possui grande poder bélico está usurpando toda autonomia do país vizinho em tentar conter sua liberdade de escolha. É justamente a liberdade que diferencia o poder da violência. Numa relação social assim como Kant (1985) diz que os homens ao ousar saber eles “se desprendem por si mesmos progressivamente do estado de selvageria" (KANT, 1985, p.114).

Ademais, pode uma linha de pensamento construída há trezentos anos indicar algum sentido para pensarmos os problemas atuais? Por isso, como “herança” deste tempo de esclarecimento, é preciso continuar a questionar as potencialidades dessa corrente que não foi apenas um movimento filosófico, mas uma tendência do pensamento, das artes e da literatura na Europa, e também na América, precedendo grandes acontecimentos históricos como a Revolução Americana (1776-1783), a Revolução Francesa (1789-1799), a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789). Por isso, mesmo acontecendo regressões ao usar de forma técnica a razão muitos de seus feitos são factíveis.

> A distância permanente entre o que podia ser lido como uma promessa e as realidades do mundo de hoje nos obriga a tirar uma primeira conclusão: **toda leitura rigidamente otimista da História pertence à ilusão.** É verdade, porém, que tal fé no progresso linear e ilimitado do gênero humano pôde tentar alguns pensadores das luzes [...] (TODOROV, 2008, p. 24, grifo nosso).

Outro pensador a criticar esse conceito esclarecimento, mas não de forma tão pessimista como a primeira geração dos frankfurtianos, é Jürgen Habermas. Um alemão, filósofo e sociólogo, ainda vivo, que participou da segunda geração da Escola de *Frankfurt*, procurou, no entanto, superar o pessimismo dos fundadores da mesma. Habermas (1984) observa a supervalorização da razão e aponta para soluções que encaram os erros à luz de uma realização do esclarecimento, buscando encontrar uma nova saída para as idealizações da filosofia moderna. Para o filósofo alemão esse reacender das Luzes está no diálogo que é muito mais importante que o convencimento totalitário. Ele reforça que a linguagem e a ação comunicativa são o motor principal para as ações humanas. Vejamos isso um pouco mais de perto no subitem que se segue.

4.1 EMANCIPAÇÃO PELO AGIR COMUNICATIVO

Habermas (2003) busca encontrar soluções diante das imprecisões encontradas por Adorno e Horkheimer (1985) nos processos de racionalização da sociedade. Estes autores mostram em suas obras, o processo pelo qual o Iluminismo passou, da conquista da maioridade com a destruição dos mitos, a ser modificada em ideologia de dominação que legitima a sociedade capitalista. O mundo agora é administrado pela técnica fria, e não mais pela autonomia dos indivíduos.

Segundo Habermas (2003), a primeira geração de frankfurtianos confundiram um tipo de racionalização específica do capitalismo com a própria razão. Para ele, a razão não pode ser limitada à sua posição utilitária, uma vez que ela possui também uma linguagem e uma função comunicativa. Desse modo, para que o processo de entendimento seja emancipado não basta que o indivíduo tenha apenas a capacidade de falar e agir, ele também deve ter habilidade de comunicação. Isto é, o indivíduo autônomo agora é aquele que sabe socializar e dialogar.

> **O agir comunicativo pode ser compreendido como um processo circular no qual o ator é as duas coisas ao mesmo tempo**: ele é o iniciador, que domina as situações por meio de ações imputáveis; ao mesmo tempo ele também é produto das tradições nas quais se encontra, dos grupos solidários as quais pertence, e dos processos de socialização nos quais se cria (HABERMAS, 2003, p. 166, grifo nosso).

Segundo Luchi (1999, p. 95): “No âmbito do agir instrumental pode emergir um sujeito monológico”, isto é, onde apenas uma fala. Todavia, todas as ações opostas às ações voltadas para a razão instrumental e voltadas para o diálogo entre sujeitos é entendida como ação comunicativa. Habermas (2003) afirma que os atos de fala dos sujeitos servem também para as relações interpessoais. Por isso, sua teoria do agir comunicativo ajuda a compreender o poder do diálogo e comunicação entre sujeitos.

> Não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo que pode ser representado e manipulado, mas a relação intersubjetiva, que sujeitos que falam e atuam, assumem quando buscam o entendimento entre si, sobre algo. Ao fazer isto, os atores comunicativos movem-se por meio de uma linguagem natural, valendo-se de interpretações culturalmente transmitidas e referem-se a algo simultaneamente em um mundo objetivo, em seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo (HABERMAS, 1984, p. 392, tradução nossa).

Dito isso, Habermas apresenta caminhos possíveis para um futuro melhor. O filósofo usa da Teoria Crítica dos Frankfurtianos e acrescenta elementos alternativos para a construção de uma sociedade mais justa. Habermas (2003) compreende que a

comunicação se torna um elemento primordial, e através da linguagem tem sempre o pressuposto de consenso entre duas pessoas ou mais, não sendo tão individualista como pensava Kant (1985), em não poder agir sob influência de ninguém. E nem tão pessimista como os primeiros frankfurtianos achando que tudo é mera técnica ou dominação de quem possui o “poder”. Habermas (2003) compreende uma síntese possível através de um diálogo societário.

Por meio da teoria do agir comunicativo, o filósofo alemão Habermas (2003) critica claramente o poder totalitário e coloca como alicerce de seu pensamento o diálogo, pois desse modo, permite-nos retomar as luzes da razão que ficou interrompida na crítica da razão instrumental, substituindo o pensamento de que o sujeito do nosso tempo perdeu a capacidade de pensar por si só, impulsionando o paradigma que o homem agora pode ser autônomo através do agir comunicativo. O "princípio de autonomia revolucionou tanto a vida do indivíduo quanto a das sociedades” (TODOROV, 2008, p. 17).

> **O participante competente comunicativamente é o sujeito descentrado (autônomo, socializado e comunicativo)** que interiorizou as ações, na medida em que suas estruturas lógicas e de consciência foram se formando mediante seu atuar sobre o mundo objetivo, e internalizou ou incorporou a fala e as perspectivas dos outros enquanto interagia no mundo social, conduzindo-o para a acomodação das estruturas cognitivas do seu mundo subjetivo (FREITAG 2005, p. 123, grifo nosso).

A autonomia é um ponto chave para a Escola de Frankfurt que busca a emancipação desde a sua primeira geração. Ao resgatar a herança do Esclarecimento, os frankfurtianos visavam articular a intenção emancipatória com o agir comunicativo. Isto é, a autonomia compreendida a partir de seu caráter emancipatório traz uma síntese para o esclarecimento e sua factibilidade nos dias atuais. Luchi (1999), por seu turno, afirma que “[...] o dogmático se deixa determinar pelas coisas exteriores e por isso ao mesmo tempo está em erro e não é livre” (LUCHI, 1999, p. 117) . Isto é, nem a dominação de dogmas religiosos sobre o sujeito, nem a dominação da própria razão instrumental são positivas para o sujeito, pois ele perde a emancipação que é a utopia do Esclarecimento.

Em defesa do Iluminismo, Todorov diz que “[...] para nos comportarmos como seres responsáveis, precisamos de um plano conceitual que possa fundamentar não somente nossos discursos, o que é fácil, mas também nossos atos [...]” (TODOROV, 2008, p. 23). O pensador ainda questiona em sua obra que se deve resgatar o

esclarecimento, proposto lá atrás por Kant (1985), para se preservar todas as conquistas dessa corrente, mas analisando sempre com um pensamento crítico.

De acordo com Todorov (2008), o centro das Luzes está definido por três princípios: autonomia, finalidade humana das ações e universalidade. Nessa linha, Todorov (2008) percorre as ideias das Luzes e pelo tempo hodierno. Distante da realização do projeto das Luzes, ele destaca que o século XX, com suas guerras mundiais e sistemas totalitários, produziu o descrédito de idealizações que tinham grande importância como: humanismo, emancipação, progresso e livre-arbítrio. Por isso, Todorov (2008) propõe a demanda de "reacender as Luzes", fazendo-as "novamente brilhar".

Usando um de seus princípios, Todorov (2008) faz um duplo movimento com o conceito de autonomia: a individual e a coletiva. No âmbito da autonomia individual, os homens devem exprimir seu pensamento, o que Kant chama de *Sapere Aude* (ouse saber), pois pode escolher sua religião, organizar sua vida privada, não confundindo, entretanto, autonomia com autossuficiência. Esse movimento é "a saída do homem da menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo" (1985, p.100). Já com a autonomia coletiva, surge a vontade geral e o interesse comum. Esse ponto é crucial para chegarmos a uma solução perante os exemplos no item anterior citado, pois o Estado autônomo seria a república democrática, isto é, o Estado regido por leis criadas pelos homens e que atendem a todos, sem autoritarismo. Por isso, é tão importante compreender que a crítica do pensador ao período das Luzes é construtiva pois Todorov

> [...] faz um elogio do conhecimento que liberta os seres humanos das tutelas exteriores opressoras. Mas ele não consiste em dizer que, estando tudo determinado e, portanto, passível de conhecimento, os humanos aprenderam a controlar integralmente o mundo e a moldá-lo segundo seus desejos (TODOROV, 2008, p. 27).

Em síntese, viu-se a necessidade de reacender esse projeto das Luzes na qual ao buscar a autonomia o homem racional pressupõe a ser melhor individual e coletivamente, é claro que não se pode fazer um simples retorno ao passado e pensar da mesma forma, mas podemos compreender melhor com os erros até aqui e tentar fazer diferente, tirando a lição de que as Luzes consistem então em dizer que a pluralidade pode fazer nascer uma nova unidade, sempre pautada no diálogo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar de forma breve o conceito esclarecimento e o caminho proposto por Kant de um homem moderno livre das prisões medievais e que busca a autonomia. Percebemos a necessidade de utilizar a razão emancipatória, na qual o homem busca de pouco a pouco sair da heteronomia, e assim, chegar a compreensão do conceito de autonomia ou emancipação que não é ficar fechado em determinados dogmas ou dominações externas, e sim arriscar pensar por si só e desse modo tomar atitudes autônomas, mesmo correndo o risco de errar. Neste momento, o homem precisa deixar de lado qualquer preguiça, comodidade ou influência que tente dominá-lo, porém ao tentar dominar o que é natural, acaba dominando a si mesmo, pois o sujeito também é natureza. Assim, entendemos que esse conceito tem duas facetas, uma crítica e a outra construtiva.

Com o avanço da modernidade, surgiu ainda no período iluminista a razão instrumental que novamente tira a autonomia do homem, agora o transformando simplesmente em máquina do capitalismo e dos poderes totalitários. Desse modo, as guerras e o capitalismo exagerado toma o lugar do humanismo, emancipação e esclarecimento que Kant tanto sonhou. Por isso, o caminho proposto para se chegar a uma autonomia é o diálogo, e assim reacender esse período das luzes para que o homem possa buscar com equilíbrio a liberdade.

Nas considerações finais deste artigo, é preciso refletir se realmente somos seres autônomos, que buscamos com nossas próprias forças deixar a preguiça e o comodismo de lado e começar a ousar no pensamento racional, ou se estamos tendo nossa razão instrumentalizada como vimos exposto no item dois. Ao realizarmos esse balanço da filosofia Kantiana à Teoria Crítica da Sociedade percebemos os motivos da perda de autonomia do homem moderno diante dos poderes totalitários.

Sendo assim, após a pesquisa do conceito esclarecimento e o otimismo da filosofia kantiana no processo de autonomia do homem percebemos que ainda não somos esclarecidos, mas estamos em processo de esclarecimento. Assim, com a problematização feita pelo estudo da Teoria Crítica, pode-se ter um entendimento maior acerca da sociedade e seu comportamento perante tudo que lhe é oferecido, principalmente, na conjuntura atual onde as guerras, e a busca pelo poder têm

superado o diálogo e o consenso. Desse modo, urge reacender as Luzes, e assumirmos com coragem nossa autonomia real que leva o homem a usar sua razão emancipatória e não ficar preso na instrumentalização dela onde a dominação e a falta de autonomia prevalecem.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ADORNO, Theodor Wiesengrund.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREITAG, Bárbara. **Dialogando com Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

FREITAG, Bárbara. O conteúdo programático da teoria crítica. In: **A teoria crítica: ontem e hoje.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action. Reason and the rationalizalion of society.** Boston: Beacon Press, 1984.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019. Tradução: Gabriel Salvi Philipson.

KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: ‘O Que é Esclarecimento?’. In. **Textos seletos,** edição bilíngue. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985. Tradução: Floriano de Souza Fernandes.

LUCHI, José Pedro. **A superação da filosofia da consciência em J. Habermas:** a questão do sujeito na formação da teoria comunicativa da sociedade. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1999.

MATOS, Olgaria Chain Feres. **A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. 3. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia.** Vol. 2. São Paulo, Paulinas,1981. Tradução: Benôni Lemos.

NEWS, bbc. Disponivel em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62034340#:~:text=Baseado%20nos%20dados%20da%20Acled,verifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20informa%C3%A7%C3%B5es%20de%20guerra>. Acesso em: 20 jul. 2022.

NEWS, bbc. Disponivel em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60517760#:~:text=Donetsk%20e%20Luhansk%20s%C3%A3o%20duas,da%20fronteira%20com%20a%20R%C3%BAssia.>. Acesso em: 10 mar. 2022.

NODARI, Paulo César; SAUGO,Fernando. **Esclarecimento, Educação e Autonomia em Kant.** In: Conjectura: filosofia e educação, Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/892/615>. Acesso em: 30 abr. 2022.

PASCAL, Georges. **O pensamento de Kant.** 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes.** 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental.** 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Todorov, Tzvetan. **O espírito das luzes**; tradução Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.

WEBER, Max. **Sobre a Universidade:** o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica. São Paulo, Cortez– coleção Pensamento e Ação, 1989.